

NOTA TÉCNICA ABLP

DESCARTE DE EPIS's PESSOAIS

São Paulo, 24 de julho de 2020 – A ABLP realizou na quinta-feira, 23 de julho, um mesa-redonda virtual que teve como tema “Como disciplinar o descarte de EPI’s pessoais na pandemia”. O evento contou com a participação de profissionais que atuam na área de limpeza urbana e gestão de resíduos em diversas capitais brasileiras, que trouxeram informações sobre o cenário atual e as perspectivas em torno do uso e destinação final de máscaras descartáveis e luvas por parte da população.

O presidente da ABLP, João Gianesi Netto, deu início ao evento virtual apresentando um vídeo exibido na BBC, agência londrina de notícias, que mostrou praias em diversos locais do mundo com um número expressivo de máscaras e luvas descartadas sem qualquer cuidado. De acordo com Doug Cress, vice-presidente da Ocean Conservancy, no ritmo atual estão sendo descartadas aproximadamente 129 bilhões de máscaras e 65 bilhões de luvas plásticas por mês. Parte desse volume acaba sendo descartado de maneira inadequada e reverte em danos significativos ao meio ambiente, inclusive com a morte de animais.

O promotor público do Meio Ambiente do Maranhão e ex-presidente da Abrampa, Luiz Fernando Cabral Barreto Júnior, ficou impressionado com o vídeo e frisou que o descarte de EPI’s pessoais é uma questão bastante preocupante e que deve ser tratada com maior atenção. “O investimento do Poder Público deve ser maior e direcionado a orientar a população.”

Ariovaldo Caodaglio, diretor da ABLP e ex-presidente do Selurb, concordou com a avaliação de Barreto e complementou com uma sugestão: que os gestores municipais e estaduais incluam em seus pronunciamentos a necessidade de dar um destino correto às máscaras e luvas corretamente, ou seja, juntamente com o lixo doméstico e nunca no mesmo saco de materiais recicláveis. “Considerando o elevado grau de periculosidade do vírus, o descarte inadequado de uma máscara é tão perigoso quanto deixar de usar esse EPI.”

Na avaliação de Caodaglio, em países desenvolvidos a maior parte da população utiliza máscaras descartáveis, diferentemente do Brasil, onde há predominância de máscaras de tecido, portanto reutilizáveis. Isso não significa, no entanto, que elas também não podem se tornar um problema.

Nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo, tem sido cada vez mais comum encontrar máscaras em vias públicas, enquanto em outras capitais, como Goiânia, Palmas, Belo Horizonte e Salvador, o volume é bem menor.

Na opinião de Walter de Freitas, superintendente operacional da EcoUrbis, concessionária municipal responsável pela coleta, transporte, tratamento e destinação final ambientalmente adequada de resíduos domiciliares, materiais recicláveis e resíduos dos serviços nas zonas sul e leste de São Paulo, a problemática do descarte incorreto de máscaras e de muitos outros materiais – ele lembrou que a capital paulista tem perto de 4 mil pontos viciados – tem relação com a falta de cidadania e de pertencimento de uma parcela da população. “Muitas pessoas não tratam o espaço como se fosse uma extensão de suas casas e acham que a rua onde moram não pertence a elas, então não se importam cuidar.” Para Freitas, um caminho para mudar esse cenário passa necessariamente por um trabalho amplo de educação e conscientização.

O consultor José Carlos Pires, com décadas de experiência na área, avaliou que as noções básicas sobre como descartar os resíduos que cada pessoa deveria fazer parte da educação formal. “As crianças aprendem na escola como a floresta amazônica deve ser preservada, mas ninguém diz a elas que precisam cuidar de forma adequada do resíduo que geram diariamente.”

O vice-presidente da ABLp, Clovis Benvenuto, discorreu ainda sobre o fato de que estudos comprovam que o novo coronavírus não sobrevive em materiais descartados adequadamente em aterros sanitários. O motivo, explicou, está relacionado com a necessidade de um organismo vivo para o vírus proliferar. Além disso, o processo de decomposição dos materiais depositados em aterros sanitários e a temperatura em seu interior destroem completamente o vírus. Um sinal claro nesse sentido é que até hoje não foi identificada a sua presença no chorume.

Também participaram da mesa-redonda o professor da Universidade Federal da Bahia, Luiz Rogério Leal; a representante do Sindilurb e diretora da operadora de limpeza pública em Belo Horizonte, Valkiria Abreu; o diretor da ABLP em Goiânia, Luciano Banzatto; e o engenheiro da Prefeitura de Palmas, João Marques.

A íntegra do evento pode ser conferida no youtube clicando neste link

